



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MEMORIAL

**NOS GRITAMOS ESCRIVIVENTES: A LITERATURA, A POESIA E A
ESCRITA LITERÁRIA COMO ALIADAS NA CONSTRUÇÃO DO SER
POLÍTICO.**

JUAZEIRO/BA

2022

**EMANUELLE SANTOS MATIAS
LÍCIA RANIELE RIBEIRO MARTINS LINO**

MEMORIAL

**NOS GRITAMOS ESCRIVIVENTES: A LITERATURA, A POESIA E A
ESCRITA LITERÁRIA COMO ALIADAS NA CONSTRUÇÃO DO SER
POLÍTICO.**

Memorial de conclusão de curso de graduação em Pedagogia,
Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado
da Bahia, apresentado como requisito para obtenção do grau
de licenciadas em Pedagogia, sob orientação da Profa Dra.
Claudia Maisa Antunes Lins.

JUAZEIRO/BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

M433n Matias, Emanuelle Santos

Nos gritamos escrevientes: a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção do ser político / Emanuelle Santos Matias, Lícia Raniele Ribeiro Martins Lino. Juazeiro-BA, 2022.
50 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Dra. Claudia Maisa Antunes Lins.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Escrita literária. 4. Formação política. 5. Projeto de Extensão – Literatura. I. Lins, Claudia Maisa Antunes. II. Lino, Lícia Raniele Ribeiro Martins. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 320.981

EMANUELLE SANTOS MATIAS
LÍCIA RANIELE RIBEIRO MARTINS LINO

NOS GRITAMOS ESCRIVIVENTES: A LITERATURA, A POESIA E A ESCRITA
LITERÁRIA COMO ALIADAS NA CONSTRUÇÃO DO SER POLÍTICO.

Memorial de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, Departamento de
Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, apresentado como requisito para
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 26/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Claudia Maisa Antunes Lins

Profª Drª Claudia Maisa A. Lins
(Orientadora)

Francineide Santana Silva

Profª Ma. Francineide Santana Silva
(Membro)

Paulo Ribeiro Soares

Prof. Me. Paulo Ribeiro Soares
(Membro)

Agradecimentos de Emanuelle Matias

Agradeço ao meu pai, semeador de todos os meus sonhos;

À minha irmã e aos meus sobrinhos, partes muito verdadeiras do meu coração;

À minha amiga e parceira de trabalho Lícia, sozinha ou com outra pessoa que não ela, este trabalho não veria a luz do mundo;

À minha orientadora Claudia Maisa, por todos os pedaços de história que construímos juntas;

Às minhas queridas Ingrid e Alexia, por serem flores tão bonitas em meio a um campo de batalha;

À UNEB, que me ensinou o que eu quero ser e o que não quero ser;

E, por último, agradeço ao que estiver olhando por mim, por ter segurado meu corpo quando tantas vezes ele ameaçou partir.

Agradecimentos Lícia Lino

Agradeço, primeiramente, ao dono dos meus dias, Deus, a quem eu devo a minha existência. Sou grata porque Ele me sustentou com a sua boa mão para que eu chegasse até aqui, sem Ele eu não teria conseguido. Quero agradecer também ao amor da minha vida, meu filho Jhonatan, que desde tão pequeno caminhou sempre comigo nesse percurso. É para ele que eu olho todos os dias e me sinto forte para enfrentar as dificuldades e lhe dar o melhor. Obrigada, meu parceirinho. Sou grata também a meu esposo Cícero Lino, meu melhor amigo e meu parceiro da vida. Obrigada por ter segurado a barra durante esses anos e por ter agarrado em minha mão para que eu não desistisse. Agradeço a minha rainha, minha mãe, Wilce, por ter sido a minha rede de apoio cuidando do meu filho sempre que precisei. Obrigada pela força que sempre me deu. Obrigada a minhas irmãs Lígia e Laíse pelo apoio nessa jornada. Quero agradecer, em especial, à minha parceira de trabalho, colega de faculdade e amiga para toda a vida, Emanuelle Matias. Obrigada por tanta generosidade e por ser a base do nosso trabalho. Isso tudo só foi feito porque temos uma à outra. Por fim, quero agradecer à nossa orientadora, professora Maisa Antunes, principalmente, por ter nos apresentado o Projeto de Extensão Literatura e Vida, ponto essencial neste trabalho e pelo qual eu sinto um profundo carinho. O meu muito obrigada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Emanuelle Matias e Lícia Lino na gravação do prelúdio, 2022.....	22
Figura 02 – Emanuella Félix, 2022.....	23
Figura 03 – Paulo Soares, 2022.....	23
Figura 04 – Lupeu Lacerda, 2022.....	24
Figura 05 – Álamo Pimentel, 2022.....	24
Figura 06 – Juliana Pereira, 2022.....	25
Figura 07 – Laíse Ribeiro, 2022.....	26
Figura 08 – Marcos Vinicius Santana, 2022.....	26
Figura 09 – Lupeu Lacerda, 2022.....	26
Figura 10 – Edmar Conceição, 2022.....	27
Figura 11 – Emanuella Félix, 2022.....	29
Figura 12 – Lícia Lino, 2022.....	29
Figura 13 – Ilara Malena, 2022.....	30
Figura 14 – Isla Gonçalves, 2022.....	30
Figura 15 – Isla Gonçalves, 2022.....	30
Figura 16 – Emanuelle Matias, 2022.....	31
Figura 17 – Emanuelle Matias, 2022.....	32
Figura 18 – Emanuella Félix, 2022.....	32

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "Nos gritamos escrevintes: a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção do ser político", é resultado das experiências vividas por Emanuelle Santos Matias e Lícia Raniele Ribeiro Martins Lino enquanto mulheres negras, condição que, sozinha, tenta determinar seus lugares em uma sociedade capitalista, essencialmente racista. Diante disso, a vida exigiu formas de resistirem ao jugo dessa estrutura violenta. É neste sentido que as estudantes encontraram na literatura, na poesia e na escrita literária essa rede de obstinação, ao expressarem pensamentos e vivências, ao se enxergarem em outras mulheres negras, mesmo as literárias, e poder sê-las na outridade. Partindo disso, o trabalho propôs responder como a literatura, a poesia e a escrita literária podem ser aliadas na construção de seres políticos, uma vez que esses três elementos agem pela real força transformadora, a força coletiva — mesmo quando a leitura e a escrita partem de necessidades individuais. Tendo em mente este objetivo principal, o trabalho buscou construir uma memória coletiva através do documentário “Escrever-ler-ser-escrever: um movimento em quatro partes” (MATIA; LINO, 2022) a partir das experiências dentro do Projeto de Extensão Literatura e Vida nos anos de 2020 e 2021, de oficinas literárias baseadas nas obras de Conceição Evaristo e entrevistas com professores, poetas e estudantes dos cursos de pedagogia e jornalismo, sempre relacionando essas experiências aos conceitos fundantes deste trabalho: coautoria (LINS, 2020), outridade (PESSOA, 1973, apud RAMALHO, 2008), alteridade (RIBEIRO, 2005; RAMALHO, 2008; LINS, 2020) e Escrevivência (EVARISTO, 2020). Os participantes do documentário, ao abrirem suas percepções sobre o ato de ler, de escrever e de compartilhar, demonstraram um caminho que a linguagem poética e literária pode trilhar, o da descrição da realidade, que atinge a consciência e excita transformações. Esta é a força impulsionadora deste trabalho, mesmo quando as palavras lidas vieram do poeta fingidor, do inventador de memórias, do criador de mentiras. A força de perceber o mundo pela janela da arte, que falando de um, fala de muitos.

Palavras-chave: Literatura. Poesia. Escrita literária. Formação do ser político. Projeto de Extensão Literatura e Vida.

ABSTRACT

The Course Completion Work (TCC) "We shout writers: literature, poetry and literary writing as allies in the construction of the political being", is the result of the experiences lived by Emanuelle Santos Matias and Lícia Raniele Ribeiro Martins Lino as black women, a condition that, alone, tries to determine their place in a capitalist society, essentially racist. Faced with this, life follows ways of resisting the yoke of this violent structure. It is in this sense that the students found in literature, poetry and literary writing this network of obstinacy, when expressing thoughts and experiences, when seeing themselves in other black women, even literary ones, and being able to be them in otherness. Based on this, the work carried out answers how literature, poetry and literary writing can be combined in the construction of political beings, since these three elements act through the real transforming force, the collective force — even when reading and writing depart from of individual needs. Bearing this main objective in mind, the work sought to build a collective memory through the documentary "Escrever-ler-ser-escrever: um movimento em quatro partes" (MATIAS; LINO, 2022) from the experiences within the Literature & Life Extension Project in 2020 and 2021, literary workshops inspired by the works of Conceição Evaristo and interviews with professors, poets and students of pedagogy and journalism courses, always relating these experiences to the founding concepts of this work: co-authorship (LINS, 2020), otherness (PESSOA, 1973, apud RAMALHO, 2008), alterity (RIBEIRO, 2005; RAMALHO, 2008; LINS, 2020) and *Escrevivência* (EVARISTO, 2020). The participants of the documentary, when opening up their emotions about the act of reading, writing and sharing, show a path that poetic and literary language can follow, that of the description of reality, which reaches the conscience and excites changed. This is the driving force of this work, even when the words read came from the pretending poet, the inventor of memories, the creator of lies. The strength of perceiving the world through the window of art, which speaking of one, speaks of many.

Keywords: Literature. Poetry. Literary writing. Formation of the political being. Literature & Life Extension Project.

SUMÁRIO

I. Introdução.....	10
Objetivos	12
a. Geral	12
b. Específicos	12
II. Passos para a construção do documentário “Escrever-ler-ser-reescrever: um movimento em quatro partes”	13
a. Nascente.....	14
b. Curso d’água	17
b. a) Os jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues – República IRPAA: a água busca seu próprio caminho.....	17
c. Afluente.....	18
c. a) As participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida: águas reveladas	20
d. Saída para o mar	20
d. a) Prelúdio	22
d. b) Parte I: Por que se escreve?.....	23
d. c) Interlúdio: Escrever.....	24
d. d) Parte II: Por que se lê?	25
d. e) Interlúdio: Ler.....	27
d. f) Interlúdio: Ser	28
d. g) Parte III: Ser	28
d. h) Interlúdio: Reescrever	31
d. i) Parte IV: Reescrever	31
d. j) Conclusões	32
Referências bibliográficas	34

I. Introdução

O projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "Nos gritamos escrevintes: a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção do ser político", é resultado das experiências vividas por Emanuelle Santos Matias e Lícia Raniele Ribeiro Martins Lino enquanto mulheres negras, marco fundamental do lugar que ocupam na sociedade. Carregando essas experiências, deu-se o encontro de ambas com a Literatura e a Poesia que, a partir disso, tornaram-se aliadas no processo de construção de suas identidades como seres políticos ao que compreenderam forças externas que determinavam seus caminhos, acima da força de vontade ou de pensamentos positivos, ao tempo que também demonstravam a necessidade de resistir. Foi neste sentido que as estudantes perceberam a escrita literária e poética como formas de expressar pensamentos e vivências, de se enxergarem em outras mulheres negras, mesmo as literárias, e poder sê-las na outridade (PESSOA, 1973, apud RAMALHO, 2008).

No Projeto de Extensão Literatura e Vida¹, depararam-se com o nome que leva essa escrita que parte dos lírios e das pedras da vida: Escrevivência (EVARISTO, 2020). Na leitura das obras literárias e poéticas, durante as reuniões do Projeto, as experiências relatadas pelos participantes sempre se encontravam em um ponto, como um lugar comum, mesmo se tratando de pessoas com realidades diferentes. A literatura trazia uma situação fictícia, que atingia a todos direta ou indiretamente, e essa situação fictícia descambava na realidade das vidas concretas dos participantes. Esse movimento de partilha, proporcionou a percepção do caráter social de problemáticas compreendidas, anteriormente, como individuais, consciência que se encontrou com conceitos apreendidos nos componentes curriculares do curso de Pedagogia, Pesquisa e Prática Pedagógica III e IV, ofertados no ano de 2019, e Estágio Curricular Supervisionado I e II, ofertadas no ano de 2021.

¹ O projeto de Extensão Literatura e Vida foi criado em 24 de setembro de 2018 por Claudia Maisa Antunes Lins, que também assume sua coordenação, e por Maria Rita do Amaral Assy, professora aposentada. Emanuelle foi monitora voluntária do projeto no ano de 2020 e bolsista nos anos de 2021/2022. Já Lícia, foi monitora voluntária nos anos de 2020/2021 e bolsista no ano de 2022. Mais das realizações do Projeto podem ser encontrados na página do *Instagram*, [instagram.com/literatura.e.vida/](https://www.instagram.com/literatura.e.vida/), e no canal do *YouTube*, [youtube.com/watch?v=EB0R2fTNAWQ&list=PLKOn1nPkovi3Lq56xdtRvYtn4ek1i6nbnr&ab_channel=ProjetoLiteraturaeVida](https://www.youtube.com/watch?v=EB0R2fTNAWQ&list=PLKOn1nPkovi3Lq56xdtRvYtn4ek1i6nbnr&ab_channel=ProjetoLiteraturaeVida).

Partindo disso, o trabalho propôs responder à seguinte problemática: Como a literatura, poesia e a escrita literária podem ser aliadas na construção de seres políticos? Trazendo assim, as experiências vividas dentro e fora da Universidade, tendo como objetivo geral afirmar a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção política dos seres, algo possibilitado pela potencialização da outridade (PESSOA, 1973 apud RAMALHO, 2008) e da alteridade (RIBEIRO, 2005; RAMALHO, 2008; LINS, 2020), numa fenda aberta pela coautoria (LINS, 2020) e pela Escrivivência (EVARISTO, 2020), que é a escrita das vivências silenciadas de si e do outro, conceitos abraçadas pela racionalidade estético-expressiva (SANTOS, 2002: 71-74 apud LINS, 2020), quando vislumbra horizontes para o reconhecimento e o autoconhecimento (SANTOS, 2010, p. 145 apud LINS, 2020).

As perspectivas da coautoria, outridade, Escrivivência e alteridade traduzem o pensamento poético, que é emocional, por isso, essencialmente coletivo (PESSOA, 2006, p. 163), e nisto, torna possível ecoar outras vozes além daquelas que normalmente são ouvidas. Portanto, a literatura e a poesia podem devolver o que foi negado e tirado, historicamente, às minorias, quando se veem e se ouvem nos textos literários e poéticos, e a partir do espelhamento de sua realidade, se deslocam do individual para o coletivo, chegando ao caráter social de sua realidade e da sua existência como existência política. Com a finalidade de demonstrar isso, o projeto propôs os seguintes objetivos específicos: 1) Sistematizar o acervo dos encontros do Projeto de Extensão Literatura e Vida, realizados nos anos de 2020-2021; 2) colher as escrevivências (Evaristo, 2020), a partir de oficinas literárias e de escrita, de participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida, do DCH III, UNEB, e dos jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues (República do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA); 3) capturar o movimento escrever-ler-ser-reescrever; 4) construir documentário a partir de entrevistas e das Escrevivências colhidas pelos participantes das oficinas.

O projeto foi desenvolvido, inicialmente, no IRPAA, com jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues, localizado na Várzea da Cruz, no bairro Jardim Primavera, em Juazeiro da Bahia, nos dias 19 e 21 de outubro de 2022, em seguida, na segunda semana de Estágio, foi realizado junto às participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida, bem como gravações de entrevistas com autores, professores e estudantes para a construção do documentário.

Objetivos

a. Geral

Afirmar a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção política dos seres.

b. Específicos

1. Sistematizar o acervo dos encontros do Projeto de Extensão Literatura e Vida, realizados nos anos de 2020-2021;
2. colher as escrevivências (Evaristo, 2020), a partir de oficinas literárias e de escrita, de participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida, do DCH III, UNEB, e dos jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues (República do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA);
3. capturar o movimento escrever-ler-ser-reescrever;
4. construir documentário a partir de entrevistas e das escrevivências colhidas pelos participantes das oficinas.

II. Passos para a construção do documentário “Escrever-ler-ser-reescrever: um movimento em quatro partes”²

“Existiam juntas, uma coisa só, era simples assim — e quem podia dizer que não eram desenvolvidas se achavam esse entendimento tão natural quanto o movimento das correntes?” (Aline Valek)

Existe algo inquietante sobre a água, se você pensa nela como coisa tocada por muita gente. Água sempre nova ou água sempre velha? Mistura dos dois e de outros líquidos? A água corrente ou de pernas tranquilas não costuma ser gritada tutora das estampas vivas; vira banal. Jorra, cospe, enlameia as ruas de baixo.

Importante é que se a água está sempre lá, sente-se sua falta quando some das torneiras e dos céus. Ficam à postos para encher garrafas de refrigerante, baldes, dornas, tanques, caminhões pipa. E se a água nunca está lá, a ausência nomeia suas gotas de pérolas molhadas. A água ausente é o pavor da água nos joelhos. A segura inteira.

Quando assentam perto dos espelhos translúcidos, mergulhando os pés em um vai vem ondulado, no correr das horas, ajuntam-se parceiros. A posse é feita e a água chama, porque a sede é comum a todos. A umidade inteira. Quando os pares andam pelas beiras com os mesmos pés enrugados, bebem de paisagens paralelas, o aqui e o outro lado. Os passos tomam a nascente do rio como ponte. O outro lado é aqui também.

A terceira margem é arranjadora; nela, todos os mergulhos de mãos dadas acontecem. Mergulhos a salvo do tempo porque sua água é de consistência distinta. O mel é denso e não suporta abandonos. É tudo para mais de um. A margem exige cruzamentos, precisa aguar novas terceiras margens para saciar a sede das águas vivas; criadoras. É dessa água toda que se tem nascentes, cursos d’água, afluentes e saídas para o mar.

² O documentário está disponível no link https://youtu.be/oO_rqB81iAY.

a. Nascente

A nascente deste projeto está nos conceitos teóricos e a intersecção, livre da hierarquia, feita com as obras literárias, baseando-se nos encontros *online*, em razão da pandemia de COVID-19, organizados pelo Projeto de Extensão Literatura e Vida, durante os anos de 2020 e 2021. As obras lidas conjuntamente passaram por Poesia Completa (2010), de Manoel de Barros, Ensaio Sobre a Cegueira (2020), de José Saramago, A terceira margem do rio (1994), de João Guimarães Rosa, O Papel de Parede Amarelo (2015), de Charlotte Perkins Gilman, Antes do Baile Verde (2009), de Lygia Fagundes Telles, Atravessando o Inferno: Aprendizagem e Alteridade na Extensão Universitária (2019), de Álamo Pimentel, O Conto da Aia (2017), de Margaret Atwood, A Máquina de Fazer Espanhóis (2016), de Valter Hugo Mãe, Todo suicídio é um homicídio (2021), de Lupeu Lacerda, O cacto não cresceu (2018) e Ontem Estive Cálido (2018), de Marcus Vinicius Santana, Conversas com o meu filho autista (2021), de Edmar Conceição. O acervo, construído ao longo das reuniões, manteve-se forte como um ardor que cresce na presença da fogueira e reverbera nas brasas do depois, incendiando outras experiências, outros trabalhos e marcas a serem deixadas ao redor.

Exemplo da convergência entre teoria e experiências literárias, geradora do depois, figura no encontro de Lícia Lino, estudante de Pedagogia, com Luádia Mabel, com Conceição Evaristo (2016) e seus livros *Escrevientes*³*Olhos D'água* (2016), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020), *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2021), *Becos da Memória* (2006), na reunião de Poeta por Poeta, em outubro de 2020, em comemoração aos dois anos do Projeto Literatura e Vida: "os textos de Conceição me atravessam (...) tocam nas minhas feridas como mulher e negra (...) eu leio e vejo minha família ali, o passado da minha família e o presente também (...) posso dizer que os textos de Conceição são a literatura e a vida

³ *Escrevientes de Escrivência*, que nas palavras de sua inaugurada, Conceição Evaristo, é "um jogo que eu fazia entre a palavra "escrever" e "viver", "se ver" e culmina com a palavra "escrivência". (...) é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente" (SANTANA; ZAPPAROLI, Itaú Social, 2020). Essa realidade escrita, reverbera nas realidades de quem lê, tornando a *Escrivência* uma parilha da coautoria, esta que aparece na tese de doutoramento de Claudia Maisa Antunes Lins, *Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação*, como o lugar que considera a leitora e o leitor não como apenas receptores, mas como cocriadores autônomos e criativos (LINS, 2020, pág. 256), porque reescrevem a realidade lida tendo sua própria realidade como calço. A tese: estudogeral.uc.pt/handle/10316/95256?mode=full.

entrelaçadas". Esse sentimento ficou espelhado na fala de Luádia (2020), que na ocasião apresentava Evaristo como apenas alguém muito íntimo pode apresentar:

"Ler Conceição é se ler (...) acho que quando a gente encontra algo que se identifica, sempre vem esse sentimento de "como essa pessoa acessou isso que eu também acesso? Como assim isso é coletivo e não individual?" E acho que Conceição é sobre o coletivo (...) sobre o que a gente acessa, sente e percebe que não é só nosso."

Essa troca de texturas comuns, possível pela identificação e pela alteridade, foi testemunhada nos outros encontros de Poeta por Poeta, acrescido com as participações de Lupeu, Marcus Vinicius e Edmar; amigos do Projeto pela constância. Estes três poetas, inclusive, retornaram ao Literatura e Vida para, junto com Karlos Victor, Pók Ribeiro, Sidroniosa Pinheiro, Maisa Antunes e Renan Inquérito, formarem o evento Minha Estante é uma Janela, realizado entre os meses de junho e dezembro de 2021.

Nessa janela, escancarada como uma represa cedida, e em todos os encontros regulares do Literatura, verificou-se a outridade, lugar em que fomos nós e outros, literários e não-literários, e retornamos para nós mesmos modificados, porque a saída de si nunca é ilesa; ora traz arranhões, ora desconfigurações totais. Passamos por vidas inteiras em três horas, sem caminho de volta para o /normal/. Uma nova postura foi-nos exigida. Poderia ser diferente ao falarmos tão profundamente sobre o gozo da vida com Lupeu? Sobre as doenças que preenchem o espírito com Marcus? Sobre o amor amargo com Edmar? Sobre a poesia livre mesmo em cárcere com Renan? Sobre "a gente combinamos de não morrer"⁴ com Luádia?

Em Minha Estante é uma Janela, ainda foi possível presenciar a coautoria, a partir de Karlos Victor, estudante de Pedagogia, homem trans, que agarrou a história de João W. Nery, presente na obra Viagem solitária - Memórias de um transexual trinta anos depois (2011), para reescrever a sua própria, reconhecendo e recolhendo as dores semelhantes e elevando às que eram intrinsecamente suas para ecoarem onde sua voz alcançasse. O tempo com Karlos e João foi mais uma forma de sair do mundo para entrar em mundos alheios, tocados por violências que tem destinatário certo: outros Karlos, outros Joãos, outros outros: "(...) as pessoas trans são marginalizadas. (...) a gente passa muito por esse processo de violência (...) violência corrigida: "você

⁴ Conto presente no livro Olhos D'água.

não é assim, tenho que te corrigir" (...) você tem que trabalhar, mas como trabalha se somos marginalizados?"

A violência e marginalização sublinhadas nas palavras de Karlos, são possibilitadas pelo sistema capitalista, que as tem como elementos fundamentais de sua constituição e que nos faz acreditar que esse é o natural das coisas; a literatura e a poesia abrem brechas para o alumbramento das desnaturezas, dos avessos, dos desaprenderes, coisas que Manoel de Barros demonstrou em todas as linhas que já escreveu.

Diante desse retrospecto, é indispensável retocar a importância dessas leituras sozinhas, mas também somadas às leituras realizadas por meio das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica III e IV, e Estágio Curricular Supervisionado I e II, ministradas por Claudia Maisa como Cheiro de Goiaba: Conversas com Plínio Apuleyo Mendoza (2020), de Gabriel García Márquez, A viagem (2015), conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, Carta a Adolfo Casais Monteiro (1935), de Fernando Pessoa, A vida que ninguém Vê (2006), de Eliane Brum, Diário do Hospício e o cemitério dos vivos (1993), de Lima Barreto, O Etnógrafo (1969), conto de Jorge Luís Borges etc. Certamente o tom das leituras era acadêmico, uma vez que retornavam para reflexões teóricas, mas contribuíram para a percepção da literatura como outra forma de conhecer-se e de conhecer o mundo⁵.

Outro ponto de destaque foram as leituras feitas na solidão das casas das estudantes, autoras deste trabalho, tanto por prospectarem a realidade cruel enfrentada pelas minorias dentro do sistema capitalista, quanto por tornarem mais límpida a possibilidade de resistência, enfrentamento e sobrevivência. As pérolas: Pele Negra, Máscaras Brancas, de Frantz Fanon (1983), Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Jr., Mulheres, Raça e Classe (2016), de Angela Davis, O Olho Mais Azul (2019), de Toni Morrison, A metáfora do coração e outros escritos, de Maria Zambrano, Realismo Capitalista, de Mark Fisher, O Averso da Pele (2020), de Jeferson Tenório, A sociedade do Cansaço, de Byung-Chul Han, O manifesto do Partido Comunista (2005), de Marx e Engels, Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada (1960), de

⁵ Salientando que o tom acadêmico não se refere à professora ministrante das disciplinas, antes aponta para o contexto em tais leituras aconteceram, dentro da academia. Por certo, os estudantes do curso, ao menos em sua grande maioria, inclinaram as leituras ao fazer pedagógico, porque era esse o horizonte mais próximo.

Carolina Maria de Jesus, *As veias Abertas da América Latina* (2010), de Eduardo Galeano.

Nesse compasso entre-leituras, as experiências com o grupo de leituras literárias, das disciplinas e das vontades isoladas, trouxeram o vislumbre dos apontamentos teóricos dos componentes curriculares, que carregaram consigo os seus nomes; alteridade, coautoria e outridade.

b. Curso d'água

b. a) Os jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues – República IRPAA: a água busca seu próprio caminho

Na semana de 17.10 a 21.10, foram elaboradas oficinas literárias a partir das obras da escritora Conceição Evaristo, utilizando-se da leitura dos contos “Shirley Paixão”, “Olhos D’água”, “A gente combinamos de não morrer” e dos poemas “Vozes-mulheres”, “Ao escrever...”, “Da calma e do silêncio” selecionados das obras “Olhos d’água” (2016), “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (2020) e “Poemas da Recordação e Outros Movimentos” (2021). As oficinas, que aconteceram no formato de roda de conversa nas datas 19.10 e 21.10, ocorreram no Instituto Regional da Pequena Agropecuária (IRPAA), junto aos jovens estudantes do Centro de Formação Dom José Rodrigues e foram iniciadas com a apresentação das estudantes sobre a finalidade da reunião.

No decorrer do encontro e da leitura compartilhada, as estudantes decantaram o conceito de Escrivência com os jovens, sempre a partir das identificações e relações que os jovens fizeram a partir dos contos de Evaristo; esse contato resultou em silêncios, lágrimas, risadas, reflexões sobre o mundo capitalista, lembranças dos familiares etc. Ao fim do dia 19.10, foi proposto que os jovens escrevessem histórias sobre suas vidas e as compartilhassem no segundo dia, 21.10, o que parte do grupo fez abertamente, outros, por diversas razões, não quiseram participar. Para incentivar o compartilhamento, as estudantes levaram suas próprias Escrivências, contos escritos para o livro *Memórias Contadas*, ainda não publicado, resultante das aulas de Pesquisa e Prática Pedagógica IV, no ano de 2019. As Escrivências dos jovens demonstraram a confiança que depositaram nas estudantes, uma vez que trouxeram feridas reveladas apenas em círculo de intimidade, além da luta por respeito, as agruras da ansiedade, as memórias da infância. Os sentimentos compartilhados pelas

Escrevivências remeteram a outros muitos.⁶

c. Afluente

Antes de partir para a segunda oficina, foram necessários alguns ajustes no caminho metodológico, pois o impacto causado pela oficina com os jovens não pôde ser ignorado ou colhido pela metade. Teria de haver espaço para acomodar quem se abriu para acomodar as autoras; essas moldaram as prioridades do trabalho porque o trabalho só pôde existir a partir de suas histórias.

Partindo dessa perspectiva, a primeira mudança veio no campo das primeiras impressões, logo no título, que passou de “Nos gritamos negras: a literatura e a poesia como aliadas na construção da identidade da mulher negra como ser político” para “Nos gritamos escrevintes: a literatura, a poesia e a escrita literária como aliados na construção do ser político”. A segunda mudança veio no sujeito da pesquisa, antes mulher negra, e depois, todos aqueles colocados em lugar de opressão e que, por isso, precisam resistir para sobreviver em um mundo que não foi pensado para tê-los. Com a mudança de sujeito, veio a necessidade de mudar os objetivos para atar o que seria procurado aos que ajudariam na procura. Desse modo, o objetivo geral tornou-se Afirmar a literatura, a poesia e a escrita literária na construção política dos seres; e os específicos tornaram-se 1) Sistematizar o acervo dos encontros do Projeto de Extensão Literatura e Vida, realizados nos anos de 2020-2021; 2) colher as Escrevivências, a partir de oficinas literárias e de escrita, de participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida, do DCH III, UNEB, e dos jovens do Centro de Formação Dom José Rodrigues ; 3) capturar o movimento escrever-ler-ser-reescrever. O último objetivo específico surgiu inteiramente pela alteração do produto da pesquisa, que deixou de ser um e-book e passou a ser um documentário construído pelas entrevistas e pelas Escrevivências colhidas pelos participantes das oficinas, a fim de captar a construção política do movimento escrever-ler-ser-reescrever. Correndo contra o tempo para arcar com a responsabilidade das mudanças, as estudantes sistematizaram quais perguntas seriam utilizadas nas entrevistas. Concluíram que duas seriam suficientes, uma vez que buscavam reafirmar, de maneira objetiva, conclusões já presenciadas nos encontros do Projeto de Extensão

⁶ As Escrevivências dos jovens encontram-se no anexo A deste trabalho.

Literatura e Vida: “Por que se escreve?”, esta baseada no escrito de Maria Zambrano de mesmo nome, e “Por que se lê?”, pensando na duplicidade exigida do ato de escrever; quem escreve, escreve para alguém ler, mesmo que esse alguém seja o próprio autor.

A partir das perguntas elaboradas, as autoras listaram os nomes dos entrevistados, lembrados pela proximidade com o Projeto de Extensão e seus eventos, a saber: Álamo Pimentel, professor, Alexia Laíse Bernardino, estudante de Pedagogia, Edmar Conceição, poeta e advogado, Emanuella Félix, Ilara Malena, Ingrid Santos, estudantes de Pedagogia, Isis Lima, estudante do Centro de Formação Dom José Rodrigues, Juliana Pereira, Laíse Ribeiro, estudantes de Jornalismo, Luádia Mabel, psicóloga e escritora, Lupeu Lacerda, poeta, Mariane Cruz, estudante de Pedagogia, Marcus Vinicius, professor e poeta, Nisse Souza, coordenadora da área de comunicação e educação do IRPAA, e Paulo Soares, professor e músico. Todos foram contatados pelas redes sociais ou por aplicativo de mensagens instatâneas, através de convite.⁷

As entrevistas aconteceram entre os dias 17/11 e 01/12 de 2022 e foram registradas em duas modalidades, presenciais e *onlines*, tendo em vista as pessoas que residiam em outras cidades, caso de Álamo, Edmar e Lupeu. As locações se concentraram, em grande parte, nas dependências da UNEB. Já outras ocorreram na República do IRPAA, SESC e na casa do professor Paulo Soares, ocasião em que foi entrevistado e também cantou “Desaguar a dor”, música de sua autoria.

Se tratando dos equipamentos utilizados, estes resumiram-se a uma câmera NX 100 Samsung, um microfone de lapela Boya, um tripé Teem de 30 cm, um *notebook* Lenovo e dois smartphones. A exceção do computador e dos celulares, os equipamentos foram empréstimos de amigos ou de colegas de trabalho das estudantes. Essa limitação material só foi empecilho até certo ponto, porque nunca houve a ambição de gerar um vídeo com características profissionais. Seria impossível. Corroborando esse fato, todo o material capturado foi tratado nas versões gratuitas do aplicativo para celular AudioLab⁸ e do programa de computador CapCut.⁹

⁷ Presente em apêndice A.

⁸ Aplicativo de celular que serviu ao propósito de remover ruídos de áudios e amplificar o volume.

⁹ No CapCut aconteceu todo o processo de tratamento de imagem, corte, montagem e legendação do documentário. Foi um milagre o programa suportar o tamanho do arquivo final de 59min14seg, o que girou em torno de 5,5 *gigabytes*.

c. a) As participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida: águas reveladas

Na semana de 14. 11 a 21.11, as estudantes realizaram uma oficina literária com as participantes do Projeto de Extensão Literatura e Vida, a partir das obras de Conceição Evaristo utilizadas nas oficinas realizadas na primeira semana de Estágio. Anteriormente ao encontro, as participantes receberam os contos e poemas e foram convidadas a compartilharem também alguma escrita de suas vidas. Ao longo da oficina, as reflexões levantadas pelas jovens demonstraram a identificação de cada uma com os textos e a forma como aquelas histórias espelhavam suas realidades e/ou as de alguém próximo. Isso pôde ser sentido nas palavras que se misturavam com as lágrimas e externalizavam as dores das violências sofridas, que deixaram marcas na memória e na vida; os dissabores de quem já sofreu com a fome, a miséria e as violências que ainda estão na estrutura da sociedade. Passado esse momento, as participantes compartilharam suas Escrevivências de um jeito todo cheio de vida e de muito afeto, revelando suas histórias de leitura de mundo; da infância; das recordações escolares; dos questionamentos quanto à existência; das ausências; do encontro e reencontro com os livros; das amizades.

d. Saída para o mar

Toda a água acumulada nos anos anteriores e concomitantes à faculdade precisava escorrer para algum lugar, um que pudesse ser concretizado como um rio de eterno retorno e reencontro. O documentário “Escrever-ler-ser-reescrever: um movimento em quatro partes” é esse lugar; é o terreno acidentado que, a depender do ângulo, traz vislumbre de novos horizontes ou a contemplação pacífica do horizonte já construído. Fato ou outro, é a pulsação da memória coletiva de todos que participaram do vídeo durante as entrevistas e oficinas ou dos encontros do Projeto Literatura e Vida ao longo dos anos.

O documentário sendo essa coisa remendada por muitos pares de mãos, pôde ser trabalhado como um tear de carvalho, forte o suficiente para tecer pensamentos de pessoas tão distintas em idades, interesses e personalidades. Os capturados pela câmera foram explícitos na sobreposição de linhas, demonstrando o Eu na relação

com o Outro intermediado pela literatura, poesia e escrita literária numa reincidência parecida premedita, o que certamente não foi. Como bem dito antes, os participantes do documentário só tinham em comum a gula de leitura e de escrita. Mesmo a organização das entrevistas favorecia a repetição espontânea, pois eram capturas individuais, em dinâmica igual para todos. Presentes apenas as autoras, os equipamentos e os entrevistados. A trinca não cabia um quarto fator, disso dependia o aprumo.

O *déjà-vu* nas memórias relatadas cristalizava nas infinitas horas de edição, em que um trecho era visto e revisto quantas vezes fossem necessárias até se chegar à certeza de que ele era indispensável à história que seria contada. Foi dessa percepção apurada das entrevistas, e mais tarde da segunda oficina, que se deu a organização do documentário em quatro partes independentes, mas interligadas uma à outra, daí o maior trabalho de construção: recortar para juntar e retirar para fazer nascer.

O garimpo das falas foi criterioso não porque a totalidade das respostas não fosse interessante, e sim por motivos metodológicos. Primeiro, o tempo do documentário foi estabelecido em 60 minutos — ao total, foram mais de 7 horas de material gravado —; segundo, existia a necessidade de extrair das participações o que facilitasse o entrelaçamento com outra participação. A procura era por fendas e não por estanques.

Nesse sentido, a narrativa do documentário foi arranjada para contar uma história de sentimentos comuns, a tal da memória coletiva, a partir do indivíduo/individual, sem contar com informações que não os nomes dos participantes nas legendas e as histórias saídas de suas próprias bocas; os tecelões foram autônomos em suas composições. O sentimento comum não tratou de determinar o que é a literatura e o que deve sair dela, antes tratou da literatura como irradiadora de luzes familiares em pessoas diferentes, porque a coautoria, a outridade e a alteridade são fontes vitalícias da irradiação, e o que sai dessa imbricação não pode ser diagramado. Se sai, sai nos acertos que deseja, na densidade que deseja.

À luz disso, foi necessária a criação de janelas entre uma parte documentada e outra, como interlúdios que as iniciava e finalizava, que as anunciava e as resumia. Os excertos provinham dos momentos a e b: a) a captura dos vídeos, protagonizados por alguns dos entrevistados, dispostos a interpretarem a melancolia, a raiva, a angústia, a

tristeza, a alegria, a solidão, a interação estranha com as coisas banais e b) os textos que aludiam aos temas tratados, ora simplificando-os, ora aprofundando-os. Aprofundar também foi uma forma de simplificar.

No fim dos remendos, a estrutura do documentário ficou acertada em prelúdio / parte I: Escrever - interlúdio sobre o Escrever / parte II: Ler - interlúdio sobre o Ler / interlúdio sobre o Ser com o poema “Não sei quantas almas tenho”, de Fernando Pessoa, - parte III: Ser / interlúdio sobre o Reescrever - parte IV: Reescrever / conclusões, que como todo o resto, foram fincadas na literatura e na vida, portanto no que só é possível por mãos e corações humanos.

d. a) Prelúdio

O prelúdio foi pensado para apresentar os conceitos fundantes do trabalho de maneira descontraída, sem o tom professoral, o que acabou influenciando também na escolha do lugar para a gravação, uma mangueira no Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), do campus III da UNEB.



Figura 01: Emanuelle Matias e Lícia Lino na gravação do prelúdio, 2022.

Mesmo sendo a primeira parte do vídeo, o prelúdio foi o último a ser gravado, porque a apresentação dos conceitos precisaria estar em consonância com o capturado junto às entrevistas e oficina, mesmo que o roteiro partisse de uma retrospectiva das experiências do Projeto Literatura e Vida. A intenção era dizer “Já vivemos isso e sabemos do que falamos! Esse documentário só irá confirmar!”.

d. b) Parte I: Por que se escreve?

O seguimento do vídeo foi um mosaico das respostas dos entrevistados, que às vezes, confundiam-se com desafogos, intimidades que a câmera não afugentou. O segredo não era aludido como certezas, mas como desconfianças, de modo que o ato de escrever surgia sempre de uma necessidade que não poderia ser esclarecida totalmente, porque é necessidade pessoal e solitária. Para boa parte dos entrevistados, escrever é jogar-se para fora para ser reconhecido aos próprios olhos; é autoconhecimento, é ultrapassar a si mesmo.



Figura 02: Emanuella Félix, 2022.



Figura 03: Paulo Soares, 2022.

Outro aspecto ecoado nesta parte do documentário foi o propósito de escrever para ser conhecido, não para ser recompensado, mas para ser identificado como matéria possuidora de história, marcada e que imprime marcas no mundo, tão afetuoso com o esquecimento. Assim sendo, alguém escreve para caminhar ao lado de alguém que lê, mas alguém que, sobretudo, está disposto a escrever por cima, colocando suas mãos sobre as mãos do autor para construir a novidade; a terceira margem e sua imunidade à coerção do tempo.



Figura 04: Lupeu Lacerda, 2022.

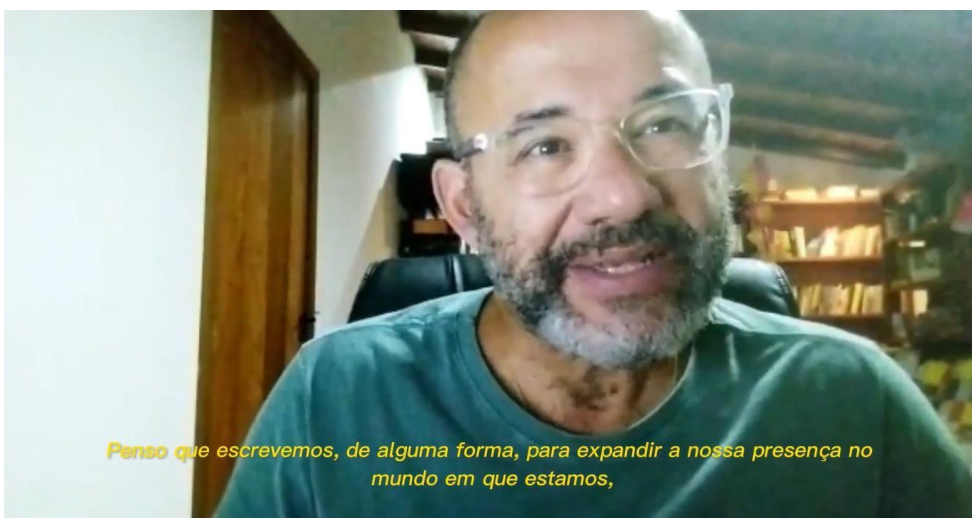


Figura 05: Álamo Pimentel, 2022.

d. c) Interlúdio: Escrever

Como mencionado antes, os interlúdios assumiram papel de sintetizadores entre as partes do documentário. A elaboração curta sobre o escrever, indicava um

narrador dentro e também fora da história, seguindo as pedras das pessoas entrevistadas, que mantinham um pé dentro do particular e outro no público. Um jogo entre autoconhecimento e reconhecimento, duas moções inseparáveis que as estudantes tentaram agarrar:

Escrever é entrar no íntimo, ver com olhos de lupa. É abrir uma jornada. Ao se trancar nas palavras, algo sai para o mundo e distorce o tempo.

Escrever é expurgar os sentimentos que não se quer mais, mas se quer diante dos olhos, ao alcance das mãos. É jogá-los para o vazio que recebe tudo, todos os pedaços. A escrita, o lugar das coisas perdidas.

Clarice me disse que “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”

Escrever é estar acompanhado da voz de mil homens, dentro da solidão mais absoluta; a que se defende, a que se abomina. A solidão servida em uma bandeja. Vamos comê-la?

Escrever é mover o universo para saciar a fome fora do estômago; mastigar o sol, as estrelas, o sal da terra; Carolina Maria escrevia os sonhos das barrigas cheias e dos pés calçados. O papel foi a tela dos impossíveis.

Escrevendo, alumbro o fundo do espelho. Quem está lá, é coisa de torcer, de compartilhar e disputar espaço na existência vista. Nos segredos gravados, o corpo é revelado, limpo como uma alvorada, como um peito pronto para receber um coração.

Escrever é estar muito vivo. Nunca, nunca morto. (MATIAS; LINO, 2022).

d. d) Parte II: Por que se lê?

O vídeo em evidência desvela os sentimentos dos entrevistados frente ao ato de ler. Os poucos minutos e até segundos de cada resposta, revelaram o íntimo do coração de cada participante quando se colocam no lugar de leitores; declarando assim, o elo da leitura com o modo como cada um se coloca no mundo, como um lugar de fuga ao mesmo tempo que de busca; que lhe tira do seu assento e lhe transporta à posição do outro. Ler é então um ponto de encontro e de desencontros com realidades conhecidas e desconhecidas, suas ou de outrem, que se abraçam ao esbarrarem-se.



25

Figura 06: Juliana Pereira, 2022.



Figura 07: Laíse Ribeiro, 2022



Figura 08: Marcos Vinicius Santana, 2022

A leitura ainda aparece no documentário, a partir das vozes dos entrevistados, como uma possibilitadora de voos e produtora de vida, como um fôlego necessário a quem está disposto no mundo, independentemente de como esteja. Ler é colocado como uma forma de ser e de devanear.

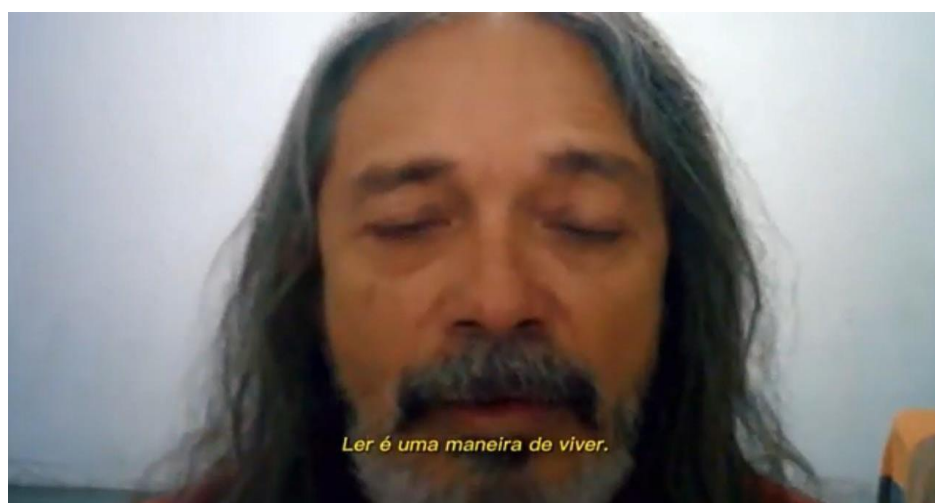


Figura 09: Lupeu Lacerda, 2022



10: Edmar Conceição, 2022.

d. e) Interlúdio: Ler

Passeando pelas repostas dadas pelos entrevistados frente à indagação do porquê leem, o texto deste interlúdio foi criado não buscando repetir as respostas dadas, mas realçar o lugar da leitura como geradora de vidas, que possibilita que o leitor seja quem queira ser e transporte-se para onde queira ir.

O texto criado pelas estudantes e narrado pela voz de Emanuelle Matias foi casando-se com as imagens gravadas anteriormente, mas que pareciam ter sido criadas pensando em cada palavra que seria escrita. O vídeo conta ainda com a participação especial da escritora Luádia Mabel, como uma voz complementar que surge transbordando o que já derramava, a poesia como o lugar de todos os sonhos:

Ler pode ser como usar máscaras; mascarar vidas.
Hoje quero usar o rosto de uma mulher francesa. Ela tem uma pinta perto da orelha.
Amanhã, quero ter a vida de uma criança que vai passar dias raros nos sítios dos avós.
Na quarta-feira, quero usar os olhos de minha mãe para lembrar exatamente a cor da íris.
No fim de semana, lerei para ter as mãos do homem que remou para a terceira margem do rio.
Ler é reencontro com o outro e consigo
É voltar para algum lugar construído por alguém antes de mim, antes dos construtores.
As paredes derrubadas no ontem, agora, transformam-se em outras histórias.
A mulher francesa; a criança no sítio; os olhos de minha mãe; e o homem da terceira margem são recriados ao serem lidos.
A imaginação: outra construtora.
Ler é andar pela possibilidade do ser e do não ser.
Caminhar pela busca de si.
Ler é passar por outras vidas e retirar delas a parte que nos cabe.
Ler é “a liberdade de voar fora da asa”, como diz Manoel.

“É sonhar pela mão de outrem”, como diz Fernando (MATIAS; LINO, 2022).

d. f) Interlúdio: Ser

Nessa passagem, o texto narrado por Emanuelle Matias veio das mãos de Fernando pessoa, poeta que estendeu seus joelhos para que a pesquisa pudesse saltar o muro. Não haveria de existir pessoa melhor para representar a possibilidade de abrigar tantas almas em apenas um corpo; não poderia ser outro a trazer o amargor da solidão desesperada para ser amansada, por isso repartida entre desconhecidos sob a mesma cabeça, mas, ainda assim, defendida por todos eles como o maior tesouro do navio pirata:

*Não sei quantas almas tenho
Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou (...)*

(PESSOA, 1993, p. 48)

d. g) Parte III: Ser

A terceira parte do documentário apresenta o vídeo “Sendo juntas”, com trechos da oficina realizada com as participantes do Projeto Literatura e Vida, na casa da professora Cláudia Maisa. O entrelaçamento da literatura e da poesia com a vida é reafirmado enquanto as lágrimas se misturavam com as falas das participantes, que deixaram externalizar os sentimentos mais latentes que ardiavam em suas almas e que se reacenderam ao se depararem com histórias vividas pelas mulheres dos livros de Conceição Evaristo; histórias essas que se encontravam com as suas; histórias que, ainda que individuais, pertenciam a cada uma que ali estava ou a outra mulher que

elas conheciam. A literatura e a poesia mostravam-se cada vez mais aliadas, dando força e voz a quem de algum modo foi silenciado.



Figura 11: Emanuella Félix, 2022.



Figura 12: Lícia Lino, 2022.

Outro ponto de encontro desse trecho, se ancorou na afetividade ou na falta dela. As leituras as fizeram refletir sobre a dureza da vida, onde a força da mulher foi evidenciada a partir dos contos, se estendendo às mães das participantes. Essa força tão enfatizada é uma força gerada na luta, no enfrentamento das dificuldades da vida que acabaram sufocando alguns sentimentos e causando feridas que foram repassadas e que sangram, deixando um rastro por onde elas andam. Falar sobre isso só foi possível, naquele momento, pela abertura que a literatura proporcionou, as levando a

se enxergarem e verem os seus familiares e suas histórias ali recontadas, acentuando esse poder da literatura, de falar de um e de muitos ao mesmo tempo.



Figura 13: Ilara Malena, 2022.



Figura 14: Isla Gonçalves, 2022.



Figura 15: Isla Gonçalves, 2022.



Figura 16: Emanuelle Matias, 2022.

d. h) Interlúdio: Reescrever

A cena de transição é um pequeno diálogo em que as estudantes abrem os canais sobre o reescrever, momento em que as histórias escritas por alguém são lidas e, posteriormente, reescritas a partir da realidade de cada leitor.

É nesse ponto do documentário que a coautoria explode como algo concreto; é quando o ler e o escrever são duas cabeças em um corpo só, sem a predominância de uma sobre a outra, apenas a associação exemplar do que é mergulhar e boiar ao mesmo tempo:

Emanuelle: O que está fazendo?

Lícia: Estou reescrevendo.

Emanuelle: Reescrevendo por que se o original já existe?

Lícia: É, mas outro original pode existir.

d. i) Parte IV: Reescrever

O vídeo traz a continuidade da oficina realizada com as participantes do Literatura e Vida, que compartilharam com coragem e generosidade os sentimentos e intimidades presentes em suas escritas: “História de Maria”, “Estamos normais?”, “Um amor para recordar”, “Amigo protetor”, “Abraço no mundo” e “Hora do recreio”. Os escritos partiram das vivências de cada participante, que reescreveram suas realidades repletas de recordações, dores, amor, força e afeto que puderam ser sentidos mesmo por quem não escreveu aquelas linhas.

Os olhares das meninas revelaram o que as falas confirmaram: a literatura, a poesia e a escrita literária como espaços que permitem o espelhamento de realidades, possibilitando um resgate de quem você é e de quem é o outro, para que juntos possam enxergar-se no mundo, e mais que isso, serem transformados e transformarem esse mundo.



Figura 17: Emanuelle Matias, 2022.



Figura 18: Emanuella Félix, 2022.

d. j) Conclusões

Chegando ao final do documentário, a pequena conclusão é narrada por Lícia Lino enquanto os rostos dos participantes aparecem em algo como um *making of*. É possível ver sorrisos com cara de final, caretas por uma palavra que não deveria ter saído, a ansiedade pelas perguntas ainda não feitas, o tremelique de uma câmera

sendo ajustada. O fim do vídeo anunciava, para Emanuelle e Licia, o início do alinhamento de toda a memória de sua construção.

Não por acaso, as conclusões deste trabalho estão dentro deste subtópico, que também faz referência à estrutura do documentário, dissertada nos subtópicos acima. A mesma conclusão cabe às duas formas em que são apresentadas a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção do ser político. Por isso, as palavras que começaram a desarmar a barraca em que as estudantes e os participantes acamparam ao longo das gravações, não poderiam ser diferentes das palavras finalizadoras deste memorial. Documentário e memorial percorreram o mesmo caminho até desaguarem no mesmo mar, porque são partes de uma mesma coisa, que andam lado a lado, complementando-se. O memorial não poderia existir sem o documentário e o documentário não poderia ser decantado sem o memorial. As cortinas se fecham, no vídeo e aqui, da mesma forma:

Em seu livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" (2016), Carolina Maria de Jesus diz que "o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido" e que "o poeta se comove com as lágrimas do pobre", em referência aos poetas, que como ela, testemunharam as agruras do mundo. Quando Carolina decidiu escrever o seu cotidiano em que a fome, a violência, o preconceito e a luta de classes eram elementos cativos, varou em mundos passados, presentes e futuros, se ainda subjugados pelo sistema de misérias que é o capitalismo.

Carolina e sua obra demonstram um caminho que a linguagem poética e literária pode trilhar, o da descrição nua da realidade, sem meias palavras; as palavras inteiras, densas, dolorosas, que atingem a consciência como um aperto físico e dificultam o escape ileso. Essa é a força impulsionadora deste trabalho, mesmo quando as palavras lidas vieram do poeta fingidor (Pessoa, 1932), do inventor de memórias, do criador de mentiras. A força de perceber o mundo pela janela da arte, que falando de um, fala de muitos. (MATIAS; LINO, 2022.)

Referências bibliográficas

- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- _____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. Tradução de Rodrigo Gonsalves; Jorge Odeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- INQUÉRITO, Renan. **Poesia Pra Encher a Laje 2.0**. Prefácio de Arnaldo Antunes; Posfácio de Marcelino Freitas; Contracapa de Emicida; Coordenação editorial de Toni C.; Projeto gráfico de Maria Julia Barbieri [OBS.curadesing]; Arte da capa de Pepê Ferreira [Estúdio Preto] – São Paulo: LiteraRUA, 2020.
- LINS, Claudia Maisa Antunes. **Diálogos do riso: Um campo aberto para pensar a arte e a educação**, 2020.
- MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederick. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. 2º ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- NERY, João W. **Viagem solitária** - Memórias de um transexual trinta anos depois. Rio de Janeiro: Leya, 2011.
- PESSOA, Fernando. **Novas Poesias Inéditas**. Lisboa: Ática, 1973, p. 48.

_____. **Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias** Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Edições Áticas, 1973.

_____. Prosa publicada em vida / Richard Zenith (ed.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

PIMENTEL, Álamo. **Atravessando o Inferno**: Aprendizagem e Alteridade na Extensão Universitária. Curitiba: Appris, 2019.

RAMALHO, Maria Irene. **Poetas do Atlântico**: Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: __. **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, Tayrone; ZAPPAROLI, Alecsandra. CONCEIÇÃO EVARISTO. – “**A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**”. Itáú Social, São Paulo, 09 de novembro de 2020. Disponível em:<www.itausocial.org.com.br/noticias/conceicao-evaristo-aescrevivencia-tambem-serve-para-as-pessoas-pensarem>.0 Acesso em 22 de junho de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da Razão Indolente** – Contra o desperdício da experiência. Porto: Editora Afrontamento, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

ZAMBRANO, Maria. **A metáfora do coração e outros escritos**. Rio de Janeiro: Livraria da Travessa, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – ESCREVEVIVÊNCIAS DOS JOVENS DO CENTRO DE
FORMAÇÃO DOM JOSÉ RODRIGUES

Atual Realidade

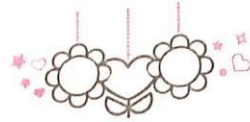
As vezes é ~~atrasado~~
ou mesmo conjeção
do modo. Chegou.
mas as coisas

Impaciência a Parar não parar
o dono não chegou a intenção
~~compra~~ a Cruz Bate a
Policiaõs acionete.

O controle não é
controlado e não
decha a solução as
Cruz é intenção
ate parece ser
o controle.

Como não não deche o que
deche quiz o celular e o
refugio e ~~o~~ a quem
não receber.

Escrevivência "Atual Realidade" – (Anônimo).



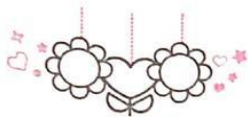
Estilo Conceição Tavaristo . . .

Essa experiência mais vivida que escrita traz o relato de Andreia que no auge dos seus 30 anos ainda vive os traumas e demais sequelas das tentativas de abuso e violências não só físicas sofridas na infância. Nas últimas semanas as lembranças dos episódios vividos tornaram-se frequente, um olhar era o suficiente para disparar gatilhos, e lá vem uma crise de choro daquelas . . . Outra vez um gatilho, e dessa vez uma fala vindo de outra mulher. Como pode outra mulher normalizar isso? Os gatilhos vão vindo e ficar abatida é inevitável, lá está Andreia apática outra vez . . . Na verdade Andreia queria mesmo era ficar se zinha com os pensamentos dela, no mundinho dela, onde ela tá livre de tudo isso . . .

Mas a vida tem que seguir e Andreia faz o possível para ocupar seu tempo e sua mente para parar de lembrar essas coisas, e ela o faz! feliz o dia lotado e não acontece nada que remeta a tais acontecimentos, em dias assim ela só se joga na cama e dorme, não dá tempo de pensar nisso . . .

Mas em um desses dias lotados, um encontro para leituras, nossa que legal! Andreia adora encontrar e leituras. Tema proposta feita por estagiárias do curso de Pedagogia . . . a primeira leitura? Já sabe o que era? A história de Shirley Paixão que salvava a entada das crueldades do próprio pai . . .





S T O O S S D
L M M J V S O
B

Andréia desconfiou do que se tratava o conto já no segundo parágrafo (parece que ela tem "facilidade" de identificar coisas do tipo!) e já ficou espantada mas pensou consigo: "Você não vai sentir tanto assim, vai? Você já chorou isso semana!" O conto foi tomando forma e no ápice da história, Irene que estava ao lado de Andréia também mudou a respiração e Andréia que já estava em total estado de alerta disparou vários gritinhos foi chorar... no meio do choro se perguntava "meu Deus, de novo isso? Até quando?" Andréia pensou em não voltar para a sala onde aconteceu o encontro, mas que impressão causaria? as pessoas não entenderiam, então Andréia se recompôs, respirou fundo e voltou. Graças a Deus a leitura seguinte foi mais suave. E Andréia tocou o barco, fuzlada mas viva!



Escrivência "Estilo Conceição Evaristo" – (Anônimo).

Sou livre

É como um rio corrente,
Que eu quero correr,
Desaguarinho para nunca esquecer,
Trilhando caminhos,
Aprendi a condicionar,
Com a diversidade de vários
Isotopos.

Sou livre pra amar,
Sou livre pra odiar,
Mas acima de tudo,
Sou livre pra respeitar.

Escrevivência "Sou livre" – (Anônimo).

O papel do cidadão
Vamos todos entender
O futuro da nação
Pros jovens compreender
A importância da leituras
Que muitos não querem ver.

Respeito :

Vou fazer a minha parte
Faça a sua também
Respeite as diferencia
Para o povo viver bem
Não importa sexo nem cor
Ninguém é melhor que ninguém.

@Antonio Marcos

Escrivência “Sem título” – (Anônimo).

No dia 12 de Maio de 2022, um dia horrível acontece a morte de umas das pessoas mais importante da minha vida, a morte de meu irmão.

Uma morte instantânea, desesperadora, dolorosa, de uma forma que jamais irmos imaginar, que isso iria acontecer e ser dessa forma, o tempo se passa e a ficha vai caindo, as vezes parece ser mentira, as vezes o coração aperta de forma que não sabemos o que fazer e fico olhando a foto dele na estante da minha casa.

Escrevivência “Sem título” – (Anônimo).

No mundo tem de tudo
Religião e ciências
Tem gente de todo jeito,
Com e sem competência.
O certo é respeitar,
Nunca devemos julgar
o próximo pela aparência.

Aquela que está chegando,
ou aquela que está saindo.
Aquela que está chorando,
ou aquela que está rindo,
o lindo pode ser feio
Por sempre em Deus eu creio,
Talvez o feio é o mais lindo.

Não julgar pelas aparências.

Escrivência "Sem título" - (Anônimo).

APÊNDICE

APÊNDICE A – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Convite

Olá, (nome do (a) convidado (a)). Boa tarde. Como vai? Somos Emanuelle Matias e Lícia Lino, monitoras do Projeto de Extensão Literatura e Vida. Estamos nos encaminhando para concluir a graduação em Pedagogia, no Departamento de Ciências Humanas da UNEB, Campus III – Juazeiro/BA, com nosso Trabalho de Conclusão de Curso chamado “Nos gritamos escrevintes: a literatura, a poesia e a escrita literária como aliadas na construção do ser político”, que nasceu também das experiências que recolhemos do Projeto, por isso entramos em contato com você. Sua presença nos encontros do Literatura e Vida foi marcante e nos ajudou a aprofundar o entendimento que a Literatura e a Poesia são coisas vivas, remontam realidades ao tempo que nos faz enxergar outras tantas. É essa história que decidimos contar em formato de documentário. Para construí-lo, faremos entrevistas com estudantes, professores e autores, assim como você. A entrevista foi pensando para ser simples, apenas duas perguntas: “Por que se escreve?” e “Por que se lê?”. Caso concorde, poderia nos encontrar em alguma tarde ou noite entre as datas 16/11 e 26/11? Nosso encontro pode ocorrer online ou presencialmente, o que parecer mais viável. Desde já, agradecemos o seu retorno. Grande abraço!

**APÊNDICE B – IMAGENS CAPTURADAS NA OFICINA COM OS JOVENS
DO CENTRO DE FORMAÇÃO DOM DO JOSÉ RODRIGUES - IRPAA**



Momento pós-oficina com os jovens do IRPAA (19/10).



Preparação do ambiente realizada pelos jovens do IRPAA para a oficina (19/10).

**APÊNDICE C – ALGUNS REGISTROS REALIZADOS DURANTE AS
GRAVAÇÕES DO DOCUMENTÁRIO**



Gravação da entrevista com Ilara Malena.



Gravação da entrevista com Ísis Lima.



Por trás da câmera: Lícia Lino.



Gravação da entrevista com Marcus Vinícius.



Gravação da entrevista com Nisse Souza.



Gravação da entrevista com Paulo Soares.



Gravação de interlúdio com Alexia Bernardino e Ingrid Silva.



Gravação de interlúdio com Emanuella Félix.



Gravação de interlúdio com Lícia Lino.



Gravação de interlúdio com Mariane Cruz.



Por trás da câmera: Emanuelle Matias.